

AVENIDA BARÃO DE ITAPURA

Designada em 28-02-1887

Formada pela chamada rua 28 de Setembro
Início no acesso à avenida Lix da Cunha
Término na avenida Dr. Heitor Penteado
Botafogo - Guanabara - Taquaral

Obs.: A Comissão de Obras Públicas da edilidade opinou fosse essa via pública denominada "Boulevard Barão de Itapura", cujo parecer foi aprovado em 28-02-1887, com uma emenda do dr. Ricardo Gumbleton Daunt, substituindo o termo "boulevard" por "avenida". Antes era conhecida por rua 28 de Setembro.

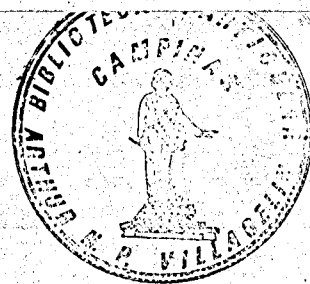
BARÃO DE ITAPURA

Joaquim Policarpo Aranha, nasceu em 1809, e foi trazido ainda criança de Ponta Grossa para Campinas, pelo padre José Francisco Aranha Barreto, e faleceu em Campinas, aos 93 anos de idade, em 06-janeiro-1902. Conta-nos Nair de Santana Moscoso que "tendo aqui residido desde a infancia, impôs-se ao amor da gente desta cidade que amou e adotou como bêrço natal e ajudou a engrandecer e florescer, inclusive, dando valioso apoio a jovens de Campinas, que um dia haveriam de se tornar homens famosos nas letras e nas artes, na jurisprudência e também na religião". Possuidor de enormes extensões de terras, a própria avenida Barão de Itapura foi aberta com sua autorização, recortando suas terras, a fim de que por ali pudessem transitar caminhantes e viajores, bem como, tropeiros e boiadas, de Minas para São Paulo, sem nada pagar. Conhecido por Nenê Aranha e dono de terras agrícolas tão extensas, de certa forma, via-se obrigado a usar o braço escravo, sendo o possuidor da maior escravaria da região, porém, a maior parte era alforriada ou libertada. Conta Benedito Octavio que "era ele quem protegia os negros, comprando-os, míseros servos acurvados ao jugo dos senhores tiranos. E por isso, quando a bolicção raiou para os escravos, nas fazendas de Nenê Aranha não houve o êxodo tradicional. Não o abandonaram os homens livres, que ainda na véspera, nem livres eram para morrer..." Ele foi também capitão da Guarda Nacional e fez parte do Partido Liberal. Em 1844 elegeu-se vereador à Câmara de Campinas (triênio 1845-48), havendo servido ao Imperador quando de sua visita à Campinas de 26 a 29-março-1846. Recebeu a comenda da Ordem da Rosa, pelos valiosos serviços prestados por ele por ocasião da Guerra do Paraguai, sendo mais tarde, em 1882, agraciado por decreto imperial com o título de Barão de Itapura. Foi casado com sua prima em segundo grau d. Libânia de Souza Ara-

Avenida Barão de Itapura

Fls. 02

nha havendo do consórcio seis filhos. Em seu palacete à rua do Imperador nº 28 (hoje rua Marechal Deodoro), que tomava todo o quarteirão, indo até a hoje avenida Orosimbo Maia, abrigava pobres crianças, viúvas desvalidas e orfãos abandonados, que ao final de sua vida, privado da visão por impiedosa catarata, lhe faziam companhia, cercando-o da maior consideração. Seu enterro foi a consagração de uma vida exemplar, havendo sido levado pelos homens de côr, com lágrimas, num dos maiores acompanhamentos da época.



BARÃO DE ITAPURA

Segundo Benedito Otávio, em "Notas Genealógicas da Família", inéditas, citado por d. Maria Luisa Pinto de Moura Ribeiro, "o Barão era dotado de coração magnânimo e grande generosidade, tendo proporcionado meios de educação e instrução a muitos jovens, que se tornaram notáveis cidadãos graças ao seu amparo.

Refere-se também à grandeza de coração que o levou a abrigar, em sua residência, pobres crianças, viúvas desválidas e órfãos abandonados. Esta exemplar caridade, fez dele, o Nenê Aranha, um dos homens mais conhecidos de Campinas.

Possuia o Barão de Itapura o maior número de escravos da região. Com a Abolição, os negros não quiseram abandonar o serviço e quando êle morreu, homens de côr, chorando acompanharam o esquife pelas ruas de Campinas.

O bom fidalgo tinha espírito progressivo, aberto às novas idéias e aos melhoramentos capazes de beneficiar a sua terra natal. As doações que fazia eram de generosidade incomum: a Santa Casa foi sempre lembrada por ele.

Privado da visão por impiedosa catarata, que o vitimou nos últimos anos, faleceu com 93 anos de idade, no dia de Reis, 6 de janeiro de 1902. O enterro foi uma consagração final de uma vida exemplar. O atestado de óbito reza o seguinte:

"Aos 7 de janeiro de 1902, nesta Matriz encomendei o cadáver do Barão de Itapura, com 93 anos, casado com D. Libânia Aranha. a) Pe. Manoel Ribas D'Avila. Campinas (Paroquia Santa Cruz). Livro de óbito 3º fls."

SEU NOME ERA JOAQUIM POLI CARPO ARANHA.



O Barão de Itapura

Nair de Santana MOSCOSO

Rebuscando antiquíssimos cadernos de recortes, preciosos porque pertencentes a personalidades tradicionais de Campinas, fiz empenho em destacar de lá, o venerável *Barão de Itapura*, que deu nome a uma das mais belas e longas avenidas, que embelezam Campinas bicentenária.

O BARÃO DE ITAPURA não era campineiro. Campinas "não era mais que uma vila modesta há quatro ou cinco anos, os lineamentos da Matriz nova, apenas concebidos", quando o padre José Francisco Aranha Barreto de Camargo o trouxe, ainda criança, de Ponta-Grossa.

Falecido em 1903, tendo aqui residido desde a infância, o *Barão de Itapura* impôs-se ao amor da gente desta cidade que amou e adotou como berço natal, e ajudou a engrandecer e florescer, inclusive, dando valioso apoio a jovens campineiros, que um dia haveriam de se tornarem homens famosos nas letras e nas artes, e na jurisprudência, e também na religião.

Possuía fazendas imensas, à cuja sombra viveu uma vida calma e fecunda (como nos contou o jornalista Benedito Otávio, autor dos dados por mim colhidos, que o conheceu pessoalmente), "a luz forte dos sóis de estio, ou à sombra majestosa das grandes árvores verdejando sob o céu azul".

E foi, ora, desse ambiente maravilhosamente bucólico, ora do palacete Itapura, que construiu mais tarde, na então rua do Imperador, (depois Marechal Deodoro, 28), que estendia a sua abençoada mão de cintilações benfazejas, sobre todos que ele sentia, necessitavam de sua generosidade.

Antonio Carlos Gomes, drs. Carlos Augusto de Souza Lima, João Egídio de Souza Aranha, João Gabriel de Moraes Navarro, e tantos outros, a ele deveram grande parte do que puderam realizar, enriquecendo Campinas de nomes ilustres.

Seu nome era JOAQUIM POLICARPO ARANHA, que depois de 1882, ficou conhecido com o nobiliárquico título de BARÃO DE ITAPURA, outorgado pelo gover-

no imperial, que lhe concedera, também, anteriormente, o título de Comendador da ORDEM DA ROSA, pelos relevantes serviços prestados, contribuindo, de muito, pelo progresso material e moral desta cidade que Barreto Leme fundou.

O *Barão de Itapura*, aquele meninzinho, trazido um dia para Campinas, pelo Padre José Francisco Aranha Barreto de Camargo, aqui tornou-se homem, e, pode-se dizer, que nesta cidade escreveu seu nome para sempre, senão "com a ponta da espada no registro perenal da história", fê-lo, porém, com as cintilações de ouro de seu coração magânimo.

No Caderno de Recortes "Lembranças" da exma. Sra. D. Ana Aranha Fortuna, Benedito Otávio não nos deu uma biografia exata desse grande vulto, mas mostramos muitos fragmentos, do seu grande coração, que tão bem soube dar-se à terra campineira.

Esse titular da história de Campinas, que também foi conhecido como Nenê Aranha, dono de terras agrícolas, de vastas extensões, de certo estava sujeito, como todos os fazendeiros do país, à necessidade do braço escravo. Todavia, interiormente, jamais conformado com essa condição vergonhosa, que injustificava aquelas legiões de homens negros ao seu serviço, tudo fazia para minorar-lhes a sorte. "Era ele — conta-nos Benedito Otávio — que, alta madrugada, quando na fazenda os sinos tanguiam, pondo no ar úmido dos campos, a nota de um dia de trabalho, vinha repreender os feitores apressados em dirigir a turba, lassa, e não refeito ainda pelo sono de alguns instantes do labor pesado de muitas horas".

"Era ele quem protegia, comprando-os, míseros servos acurvados — ao jugo dos senhores tiranos".

"E por isso, quando a abolição raiou para os escravos, nas fazendas de *Nenê Aranha*, não houve o êxodo tradicional. Não o abandonaram os homens livres, que ainda na véspera, nem livres eram para morrer..."

"E por isso, quando o *Barão de Itapura* baixou ao túmulo, repetiu-se o mesmo fato já presenciado por ocasião do enterro de um dos seus filhos: Os homens de cor o levaram, com lágrimas, pelas ruas a fora, caminho do ignoto país, de que ninguém voltou..."

Mas o *Barão de Itapura* não se revelou, somente, como o grande senhor de terras e de homens de grande coração.

Ele foi Capitão da Guarda Nacional, fazendo parte do Partido, que fizera rebelião em 1842, entrando para a Câmara, dois anos depois, servindo na ocasião em que o Imperador visitou Campinas, 26-29 de Março de 1846).

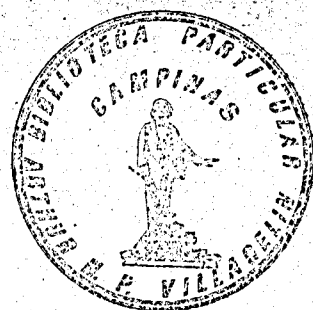
Quanto à Comenda da Rosa, que aquele lhe conferiu, esta lhe valeu pelos enormes serviços prestados na Guerra do Paraguai.

Tendo construído em Campinas, o notável palacete onde fez o "habitat" de seus filhos, havidos de seu consórcio — em 1843 — com distinta dama da família Egídio, dono de comenda, de títulos, de riqueza, "nada conseguiu mudar aquele homem, que vindo do povo, foi amigo do povo, respeitável e respeitado, apertando com a mesma franqueza a mão do honesto rico, bem como a do honrado pobre".

Amigo e protetor das crianças desvalidas, quando mais tarde nos últimos anos de sua existência, foi privado da vista, por uma catarata impiedosa, vivia cercado de crianças, confortado também, pela consideração pública, e, à semelhança do Rei Lear — da epopéia Shakespeariana — teve, também, uma Cordélia que lhe guiase os passos..."

(do citado Caderno de Recortes "Lembranças")

AVENIDA BARÃO DE ITAPURA



O Barão de Itapura

Nair de Santana Moscoso

Seu nome era JOAQUIM POLICARPO ARANHA, que depois de 1882, ficou conhecido com o nobiliárquico título de BARÃO DE ITAPURA, outorgada pelo governo imperial, que lho concedera, pela sua enorme contribuição pelo progresso material e moral de Campinas. Ele não era campineiro. Trazido meninozinho, um dia, para Campinas, pelo padre José Francisco Aranha Barreto de Camargo, aqui tornou-se um homem, de coração magnânimo. E foi do palacete, que construiu com o nome de *Itapura*, na então rua do Imperador, (depois Marechal Deodoro, 28), que estendia a sua abençoada mão, de cintilações benfazejas, sobre todos que ele sentia, necessitavam de sua generosidade. Antônio Carlos Gomes, drs. Carlos Augusto de Souza Lima, João Egídio de Souza Aranha, João Gabriel de Moraes Navarro, e tantos outros, a ele deveram grande parte do que puderam realizar, enriquecendo Campinas de nomes ilustres.

O Barão de Itapura também conhecido como *Nenê Aranha*, dono de terras de vastas extensões, como todos os fazendeiros do País, tinha necessidade do braço escravo. Todavia, interiormente, jamais conformado com essa condição vergonhosa, que injustiçava aquelas legiões de homens negros ao seu serviço, tudo fazia para minorar-lhes a sorte. "Era ele - conta-nos Benedito Otávio - que, alta madrugada, quan-

do na fazenda os sinos tangiam, vinha repreender os feitores apressados em dirigir a turba lassa e não refeita ainda pelo sono de alguns instantes, do labor pesado de muitas horas"... "Era ele quem protegia, comprando-os, míseros servos acurvados ao jugo dos senhores tiranos..." E por isso, quando a abolição raiou para os escravos, nas fazendas de Nenê Aranha, não houve o êxodo tradicional. Sim, tojos os seus escravos, quando homens livres, não o abandonaram... E quando ele baixou ao túmulo no ano de 1903, repetiu-se o mesmo fato já presenciado por ocasião do enterro de um de seus filhos: os negros o levaram, com lágrimas, pelas ruas afora...

O Barão de Itapura também foi Capitão da Guarda Nacional, fazendo parte do Partido que fizera rebelião em 1842, entrando para a Câmara, dois anos depois, servindo na ocasião em que o imperador visitou Campinas, 26-29 de março de 1846.

E a *Comenda da Rosa* foi-lhe conferida pelo imperador, pelos enormes serviços prestados na Guerra do Paraguai...

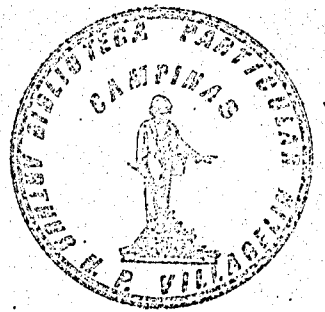
Seu profundo carinho e proteção às crianças desvalidas, valeu-lhe o retorno, nos últimos anos em que ficou cego, vítima de uma catarata impiedosa. Além de confortado pela consideração pública, viveu cercado de crianças, nos derradeiros dias de sua existência...

(Do jornal "Correio Popular" de 10-novembro-1984)

AVENIDA BARÃO DE ITAPURA

Campinas, quinta-feira, 23 de maio de 1985

Ida Maria de Barros



Velha Barão de Itapura

Quando meus pais resolveram mudar-se da cidade para o Guanabara, em torno de 1927, foram, na realidade, pioneiros. O casarão que adquiriram ficava na esquina da Barão de Itapura com Rafael Sampaio, hoje reformado, abrigando uma clínica veterinária. Fora construído por Ramos de Azevedo, responsável também pelo prédio em frente, numa grande chácara, onde morava Dr. Miguel Penteado e sua família. Além das duas casas, só existia, na quadra de baixo, outra construção que alojou o Instituto Biológico e mais tarde o Colégio Imaculada.

Rua de terra. Poeirão alto no tempo da seca. E por ali, mais tarde, nascemos e crescemos, quatro irmãos, curtindo uma infância deliciosa, que ia dos carrinhos de rolemãs, aos galopes adoidados no lombo da Estrelinha, uma égua do Educandário S. Paulo, do prof. Luiz Cassiano, paciente e bondoso educador.

As boiadas que vinham do sul de Minas, adentravam nossa cidade pela Barão de Itapura. Para nós, eram muito mais sensacionais que os filmes de "bang-bang" de hoje, pela TV. Porque eram ao vivo! Se voltávamos da compra do armazém, três quadras abaixo e víamos uma poeira lá no alto do Liceu, a correria era enorme! Entrávamos em casa, eu e minha irmã Leonor, coração disparando, e os meninos trepavam nas árvores da rua, para sentirem mais de perto o perigo! Os bois, passando em baixo, com os enormes chifres, quase esbarrando em seus pés, era uma aventura! Não raro as boiadas estouravam e daí o perigo era maior. Quem estava na rua entrava no primeiro buraco que encontrasse, pois, as centenas de bois enfurecidos, desembestavam sem rumo, açoitados pelos valentes cavaleiros!

A "Don'Ana da porteira" era figura querida, que recebeu esse nome por fechar e abrir a porteira da Mogiana que cruzava a mesma avenida.

O "Bonde Grande" era do tipo do bonde de S. Amaro e levava passageiros para Sousas, Joaquim Egidio e Cabras. Vinha da cidade pela Avenida e virava à direita, paralelamente à linha da Mogiana.

Nossa casa, de terraço amplo, tinha sempre penduradas, gaiolas de avinhados, azulões, pintassilgos, canários. Mas, o mais famoso era um "vira-vira" que assobiava, coincidentemente, quando o bonde parava e daí, o motorneiro dava a partida antes da hora. Mas, como naquele tempo tudo era tão fácil, nem foi preciso tirar o "vira" do terraço: todos os motorneiros já conheciam a "peça" e seu famoso assobio. Portanto, era só olhar para ver se não havia passageiro no estribo, e lá ia o bonde.

As molecagens dos meninos, passando sabão nos trilhos que subiam a avenida, obrigavam o motorneiro a descer do bonde, xingando, e usar a areia da caixa, pois, do contrário as rodas patinavam, sem subir um centímetro sequer!

Até tudo foi se modificando. Casas se enfileirando. À esquerda da nossa, onde é hoje um posto de gasolina, vieram os Azevedo Marques, cuja matriarca era irmã do prof. Aníbal de Freitas.

Calçamento de paralelepípedos, calçadas de pedrinhas. E em todo esse progresso a modernização de nosso casarão. Que pena, meu pai! As grades de ferro fundido, iguais às da Cia. Paulista, o portão do qual ouço até hoje o chiado, a primavera sulferina sobre ele, tudo, tudo foi modificado. E do Ramos Azevedo, ficou apenas algum vestígio.

Mas, do ontem, que me parece ter sido hoje de manhã, ficou a saudade tão grande, de uma infância despreocupada, alegre, que, se não entendia de espaços siderais, também não precisava ser advertida contra os perigos que, infelizmente, rondam, nos dias de hoje, nossa criança!